

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA REGIÃO NORTE: A VERSÃO DA MÍDIA IMPRESSA PARAENSE

Valquiria Rodrigues Gomes¹; Vera Lúcia de Azevedo Lima²; Andrey Ferreira da Silva³; Lidiane Xavier de Sena³; Alessandra Carla Baia dos Santos⁴

¹Enfermeira; ²Doutora em Enfermagem; ³Mestrandos em Enfermagem; ⁴Mestre em Enfermagem

valquiria.rgomes@yahoo.com.br

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Introdução: A violência é reconhecida como questão social e de saúde pública, um fenômeno do cotidiano de abrangência mundial e multifacetada, considerada como violação dos direitos do ser humano, como pessoa e cidadão, sendo um meio aplicado para coagir ou submeter outra pessoa ao domínio sem seu consentimento. Dentro dessa temática, uma das principais vítimas da violência é a mulher, atingida em qualquer faixa etária, grau de instrução e raça/etnia. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a violência contra a mulher é definida como qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para a mulher e para investigação de suas causas torna-se necessária à abordagem do gênero, revelando assim uma história de submissão com repercussões sempre presentes (MIRANDA; DE PAULA; BORDIN, 2010). **Objetivo Geral:** Analisar a violência contra a mulher na Região Norte narrada pela mídia impressa paraense nos anos de 2001 a 2010. **Métodos:** O estudo foi do tipo exploratório, de abordagem quantitativa. Foram consultados 3.648 exemplares de um jornal regional, publicados no período de Janeiro de 2001 a Dezembro de 2010, sendo selecionadas 1.739 notas sobre violência contra a mulher ocorrida nesse período. Destas, foram incluídas no estudo, 1.191 delas, uma vez que atendiam aos critérios de inclusão: narrar a violência contra a mulher residente na Região Norte, independente do local de nascimento e faixa etária. **Resultados/Discussão:** Das 1.191 notas analisadas, contabiliza-se: 27,79% na faixa etária entre 11 a 20 anos; 7,89% eram Do Lar; 50,21% sofreram agressões físicas; 66,16% dos crimes foram praticados na residência, onde o principal agressor era desconhecido com 14,19% e que a maioria dos casos evidenciados nas notas obtiveram crimes com desfecho em denúncia 63,39%. Os resultados das notas de violência contra a mulher noticiada pela mídia impressa em relação à Região Norte mostram que as faixas etárias mais presentes estão compreendidas entre 11 a 20 anos. Vives-Cases, Carrasco-Portiño e Alvarez-Dardet (2007) compartilham da ideia ao afirmarem que em virtude dos modelos culturais brasileiros, nessa idade o corpo é belo e provoca atenção, deste modo, a violência afeta com significativa evidência diversos setores sociais, como a economia e a saúde, pois as mulheres são profissionalmente mais atingidas e estão em idade reprodutiva, fato este que poderia despertar nos homens práticas autoritárias violentas e inseguranças. Existe uma associação de baixo nível de escolaridade e violência no fato de ser um reflexo de condições sociais e culturais, tendo múltiplas causas, resultantes de conflitos desencadeados por vários motivos independentes do relacionamento, tais como desemprego, salários baixos, falta de moradia, condições inadequadas de saúde e baixa escolaridade, onde os resultados mostraram que a principal ocupação das vítimas é do lar. O presente estudo revelou também, que o principal tipo de agressão sofrida pelas mulheres foi a física. No Brasil, em pesquisa realizada com 2.502 mulheres na faixa de 15 anos ou mais, verificou que 43% da população em estudo relatou ter sido vítimas de violência praticada por um homem. Destas, um terço sofreu violência física, 13% sexual e 27% traumas psicológicos. Neste contexto, a violência se faz habitual num corpo que é instrumento sinalizador, é nele

que estão as marcas do seu modo de viver humano (SCHRAIBER et al, 2007; MONTEIRO; SOUZA, 2007). A absoluta maioria das agressões foi praticada no interior da residência. O ambiente doméstico é o local privilegiado da prática de violência contra a mulher, ocorrendo principalmente porque na maioria das vezes, as mulheres não nomeiam a situação como violência, que por via de regra é expressada no espaço público, fazendo parte do cotidiano nas cidades, no país e no mundo, onde é percebida como algo que faz parte da vida. A violência cometida no ambiente doméstico é uma prática recorrente facilitada pelo fato de transcorrer sem interrupções de outras pessoas e sob a legitimidade da privacidade do lar, onde muitas vezes torna-se um espaço perigoso. Notou-se que os agressores mais identificados nas notas era desconhecido. Uma pesquisa realizada sobre homicídios de mulheres em meados da década de 1990, onde se buscava investigar não apenas a violência doméstica, porém, os vários tipos de homicídios de mulheres de todas as faixas etárias e como este crime era tratado nos Boletins de Ocorrência (BO's) das Delegacias de Polícia da capital de São Paulo (do ano de 1998), resultou no levantamento de 623 ocorrências com 964 vítimas, das quais 669 mulheres. Na análise dos BO's, mostrou que na metade das ocorrências, o agressor é desconhecido e quando a vítima é mulher, 90% dos autores são homens (BLAY, 2003). Vale ressaltar que apesar de apresentar um número significativo no período, a denúncia merece especial atenção pelo fato de representar um avanço das vítimas em registrar o boletim de ocorrência. Isso demonstra que a violência deve ser vista com maior receptividade, sendo necessária uma mudança de atitude dessa mulher. **Conclusão:** A violência é um fenômeno complexo que tem, em suas raízes, a interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais. Sua definição perpassa noções de comportamentos aceitáveis ou não em uma sociedade, em que na maioria das vezes, é vista como um fator natural e comum. Como tal, é um fenômeno complexo presente em todos os âmbitos da vida, através de seu ciclo vital e manifestando-se de diferentes formas e circunstâncias. A mídia paraense possibilita veicular os casos de violência contra a mulher na Região Norte de forma clara e concisa, as notas do jornal revelam que as mulheres são vítimas nos mais diversos níveis de crueldade, mostrando a magnitude do problema para a sociedade. A mídia demonstra grande importância para incentivar as políticas públicas no sentido de respeitar a igualdade nas relações de gênero, consolidando a cidadania feminina, oferecendo apoio à vítima para minimizar a violência e os danos por ela causada, fazendo com que o agressor tenha a punição, a educação e a inclusão em programas que reeduce esse indivíduo socialmente previsto na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06).

Palavras chaves: Violência Contra a Mulher; Jornais; Mídia.

Referências:

MIRANDA, M.P.M.; DE PAULA, C.S.; BORDIN, I.A. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Rev. Panam. Salud Pública.** v.27, n.4, p.300-308, 2010.

VIVES-CASES, C.; CARRASCO-PORTIÑO, M.; ALVAREZ-DARDET, C. La epidemia por violencia del compañero íntimo contra las mujeres en España: evolución temporal y edad de las víctimas. **Gac Sanit.** v.21, n.4, p.298-305, 2007.

SCHRAIBER, L.B. et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Rev Saúde Pública.** v.41, n.5, p.797-807, 2007.

MONTEIRO, C.F.S.; SOUZA, I.E.O. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto & contexto enferm.** v.16, n.1, p:26-31, 2007.

BLAY, E.A. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estud Avanç.** v.17, n.49, p.87-98, 2003.